

tiva de igualizar todos institucionalmente, ameaçando a singularidade do sujeito. Afinal, Flicts é a lua e foi em si mesmo que Flicts encontrou seu lugar.

### BIBLIOGRAFIA

ZIRALDO. *Flicts*. Editora Melhoramentos, 1992

FILIDORO N. *Psicopedagogia; do saber fazer a construção de uma disciplina*. Primeiras jornadas provincianas de psicopedagogia- Instituto J. Piaget. Argentina, 1994

## ENTREVISTA COM STELLA CANIZA DE PAEZ\*

*\*STELLA É PROFESSORA DE SURDOS, ESPECIALISTA EM ESTIMULAÇÃO PRECOCE E PSICOPEDAGOGIA INICIAL, MEMBRO DA EQUIPE DO CENTRO DR. LYDIA CORIAT DE BsAs E MEMBRO DA EQUIPE DE DIREÇÃO DA FUNDACIÓN PARA EL ESTUDIO DE LOS PROBLEMAS DE LA INFANCIA.*

*ENTREVISTA FEITA POR ZULEMA GARCIA YANEZ E ANA MARTA GOELZER MEIRA.*

### Qual é a diferença entre integração e inclusão escolar?

**Stella Paez** - Esta terminologia começou a ser utilizada, generalizando-se paulatinamente, a partir da **Declaração de Salamanca**, realizada em 1994. Mesmo não se dando à **inclusão** um significado uniforme nos diferentes países e sua utilização sendo ainda muito limitada, podemos dar a definição que nos parece mais ajustada. Façamos um pouco de história.

A partir de 1981, Ano Internacional dos Descapacitados, começou-se a aconselhar, cada vez mais sistematicamente, que as pessoas portadoras de incapacidades se escolarizassem, sempre que fosse possível, em escolas regulares. Isto significava falar de integração educativa e, como conseqüência lógica, de escolas integradoras. Isto foi expresso em publicações teórico-clínicas e técnicas,

em documentos e normas de diferente valor jurídico e outros documentos nos distintos lugares do mundo. Cabe reconhecer que, em anos anteriores, já havia experiências individuais de integração escolar, produto da vontade dos diretamente envolvidos e sem a sistematização necessária. Nos primeiros anos, isto se caracterizou por ser mais expressão de desejo do que ganhos concretos, embora pouco a pouco se foram conhecendo uma maior quantidade de situações específicas e se relataram experiências que foram valorizadas de modos diferentes, segundo as expectativas e significação que estas tiveram para cada um dos participantes.

Falar de integração escolar ou de escolas integradoras é falar de escolas que aceitem em suas classes crianças descapacitadas. Que se proponham a organizar-se em função da participação de um aluno, atendendo a suas necessidades singulares e fazendo as adaptações necessárias para acompanhar este processo pessoal. Que interajam com o professor de apoio ou com a equipe que sustente a integração, mas sempre considerando a inscrição de uma criança pela via da exceção. Isto é, como um aluno de centros específicos que participa em uma escola ordinária.

A escola inclusiva, no entanto, nos remete a instituições que se preparam a priori para atender a todos os membros da comunidade a que pertence, mais além das necessidades especiais que possam ter. Estas poderiam expressar-se ao largo de toda a vida escolar das crianças ou em um momento determinado. Isto é, nos referimos a estabelecimentos que se organizam para atender à diversidade. Instituições que fazem inovações de infra-estrutura, de equipamento, de recursos humanos, que fazem a previsão de ações interdisciplinares e/ou interinstitucionais para poder brindar a todos e a cada um dos alunos a melhor oferta. Escolas que se organizam para receber alunos em potencial, que todavia ainda não tenham nascido.

É fundamental assinalar que a diversidade entre os seres humanos reconhece a mais variada origem. Esta deriva de diferenças culturais, religiosas, econômicas, étnicas, sociais e também biológicas ou psíquicas. Excede o conceito de descapacidade. Do mesmo modo, as **NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS** incluem, mas excedem a descapacidade ou os problemas do desenvolvimento infantil. Não são sinônimos nem podem ser tomados como um eufemismo. Trata-se, simplesmente, de diferenciar-se do paradigma

do modelo médico patológico para recuperar e revalorizar a educação como disciplina, com suas estratégias, recursos e saber.

Escola inclusiva significa escola disposta a receber a pleno os membros da comunidade à qual deve oferecer seu serviço. Significa elaborar estratégias que permitam conservar em suas classes a maior parte de seus membros, com os apoios e adequações necessárias para **proteger** cada um do risco do fracasso. Também pode significar acompanhar, articulando ações, a alguns de **seus** alunos a centros específicos, quando se considere isto um benefício para a criança e embora isto aconteça cada vez com menor frequência.

### Que crianças podem ser incluídas em escolas comuns ou beneficiarem-se com a inclusão?

**Stella Paez** - Todas as crianças, independentemente da origem de suas necessidades educativas especiais, têm, potencialmente, direito a escolarizar-se em uma escola comum, e seus pais, a escolhê-la. Mas, assim como todo o resto da população escolar, estes devem poder cumprir com as normas institucionais. A decisão não passa unicamente por considerar a criança e sua singularidade como determinantes da aceitação ou não de sua participação em um determinado estabelecimento, mas sim pelas possibilidades de mútua adequação entre o aluno e a oferta educativa que a ele possa ser oferecida.

Em síntese, podemos dizer que as crianças podem estar integradas a qualquer grupo escolar sempre que sigam aprendendo neste espaço e alcancem uma interação adequada com seus pares. Isto significa contar com professores de apoio, organizar adequações curriculares, dispor de ajudas técnicas e todas as outras facilidades necessárias, já que é imprescindível tomar todos os cuidados para procurar distanciar as crianças do fracasso.

### É possível incluir crianças com transtornos de desenvolvimento em escolas comuns no estado atual das instituições escolares?

**Stella Paez** - Esta resposta não é generalizável. Encontram-se em funcionamento escolas com grande experiência de integração, que estão tendendo a ser inclusivas. Muitas vezes sem saber que sua maneira de oferecer serviços permite colocá-las nesta categoria. Outros estabelecimentos não só não o planejaram, mas sim seguem

rechaçando a idéia de encarar as modificações de funcionamento necessárias para alcançá-lo. Mais ainda, supõem que qualquer ação nesta direção pode colocar em risco fontes de trabalho. Isto acontece por falta de informação. Por prejuízos. Por posições pessoais irredutíveis ou por questões ideológicas. O Dr. Hegalty, especialista inglês que há poucas semanas nos visitou em Buenos Aires, diz que o processo integrador, que já tem anos, é mais uma conquista do homem e que se instalou no mundo para ficar. Indiscutivelmente, isto requer organizar as intervenções interdisciplinares imprescindíveis para projetar as inovações necessárias. Concretizá-lo não implica que, em **cada** escola, funcione uma equipe **completa**, mas sim que cada um dos protagonistas reconheça sua própria **incompletude** para demandar uma equipe que os acompanhe e sustente em seu agir. Trabalhar em equipe não requer, necessariamente, compartilhar o mesmo teto. Compartilhá-lo tampouco é garantia de um trabalho em equipe.

**Que mudanças devem ser realizadas nas instituições para alcançar uma inclusão adequada das crianças com necessidades educativas especiais?**

**Stella Paez** - Fundamentalmente, preparar um projeto institucional com a participação de todos e cada um dos membros da comunidade educativa, cujo propósito fundamental seja atender à diversidade. Os projetos institucionais podem ser preparados pensando-os como uma questão burocrática. Ou podem ser produto de uma reflexão compartilhada, na qual se expressam idéias consensuais e frente a cujo avanço todos se sintam comprometidos por ter sido partícipes ativos de sua formulação.

Em alguns casos, será necessário preparar a infra-estrutura do espaço arquitetônico para facilitar o acesso de alunos com mobilidade reduzida às distintas zonas do prédio. É importante pensar que, às vezes, o tema das barreiras arquitetônicas pode ter mais relação com que não haja outro disposto a derrubá-las que com a impossibilidade concreta de fazê-lo.

Outra questão importante é organizar as atividades dos docentes e outros profissionais, que, desde a própria instituição, ou desde outras, deverão, de algum modo, intervir ante a detecção de necessidades educativas especiais. Isto requer tempo e espaço para

poder concretizá-lo, e a interação necessária pode ser tanto de recursos humanos do sistema educativo como do sistema de saúde ou de profissionais que tenham a criança em tratamento em outros âmbitos.

A utilização de linhas curriculares flexíveis e a adequação delas às possibilidades imediatas de cada aluno serão condição básica para dirigir-se a atenção à diversidade. No entanto, cabe sublinhar que estas adequações não terão que ser de uma entidade tal que constituam em si mesmas um currículo paralelo.

**Como pensas que deve ser a formação dos docentes para enfrentar esta transformação?**

**Stella Paez** - A formação de graduação para os professores de todos os níveis e modalidades deveria ter como conteúdo transversal o rechaço por todo o tipo de discriminação, o reconhecimento da heterogeneidade como valor e a adequada informação acerca das patologias do desenvolvimento e sua potencial incidência nos alunos.

Uma questão fundamental é que todos os estudantes estejam formados para distanciar-se do lugar dos prejuízos que tanto incidiram na vida das pessoas portadoras de determinadas patologias. Com efeito, ao ter atribuído aos diagnósticos médicos o valor de oráculo, predeterminando as “**impossibilidades**”, se impediu a intervenção desde a singularidade das necessidades de cada caso e se limitaram as intervenções, oferecendo a muitas crianças uma educação fortemente empobrecida.

Os professores generalistas deveriam formar-se de modo que sintam que todas as pessoas de sua comunidade estão incluídas potencialmente no conjunto de seus alunos, podendo reconhecer em cada caso suas necessidades singulares.

Os professores para a educação especial deveriam eleger sua especialização, aprofundando-se em relação aos sujeitos destinatários de sua intervenção e a modos específicos de oferecer os objetos de conhecimento depois de terem se formado solidamente acerca da educação como disciplina.

Em síntese, os profissionais da educação deveriam ter uma formação tal que lhe desse um sólido domínio das estratégias didáticas e que melhorasse suas possibilidades de intervir adequada-

mente em equipes interdisciplinares, das quais são membros fundamentais.

A atualização contínua dos docentes em exercício deveria ter os mesmos propósitos, adequando os objetivos específicos às particularidades de cada situação.

**Quais são as possibilidades e os limites de uma inclusão produtiva?**

**Stella Paez** - Tanto as possibilidades como as limitações são multicasuais. É imprescindível poder oferecer a cada pessoa uma educação que contribua para prepará-la para uma vida adulta de real interação com a comunidade. Isto exige um sistema dinâmico, sem limitações burocráticas e com conhecimento das necessidades especiais que cada pessoa pode ter em diferentes momentos de sua vida. Assim se poderá eleger, sem travas, o melhor lugar para que cada um possa seguir estudando em serviços de alta qualidade, mais além da modalidade deles. Todas as escolas podem oferecer algo a todos e a cada um dos membros da comunidade em determinadas circunstâncias.

Tradução: Ana Marta Goelzer Meira

## ACORDA, MONSTRO!

 CLAUDIA WERNECK

**M**inha vida era mais feliz quando eu não entendia com profundidade o conceito de sociedade inclusiva. No dia em que finalmente consegui captá-lo (e tantas são as suas sutilezas), deparei-me com outro desafio: democratizar a discussão sobre o mundo inclusivo de modo que cada pessoa se torne cúmplice dela. Inclusão deve ser assunto de sala de aula, de mesa de jantar, de conversa de botequim, de papo de beira de praia, de churrasco aos domingos, de reuniões de empresários, do discurso e da prática diária dos políticos e dos governantes e, arrisco até das conversas românticas de namorados preocupados em não repetir com seu futuros filhos os erros que nos transformaram em *experts* na arte de excluir.

Neste processo, não me interessa o quanto vai ser difícil implementar um modelo de sociedade inclusiva no Brasil. Se problemas sociais, gerados pela má distribuição de renda – como a precariedade do sistema público de saúde e de ensino – não nos imobilizam diante de outros desafios, por que deverão determinar que caminho seguiremos agora?

E como falar de sociedade inclusiva num mundo rumo à globalização? Não são propostas antagônicas? Sim. Justamente por isso o conceito de sociedade inclusiva é um trunfo, sendo o único capaz de servir como antítese ao primeiro. Enquanto a globalização,